

9  
2009

# R

# evista de História da Sociedade e da Cultura



Centro de História da Sociedade e da Cultura  
Universidade de Coimbra

Coimbra

pelos seus avultados bens fundiários e/ou económicos, fosse pelos cargos que aí desempenharam ou pelos abusos que cometeram. São estudados os laços de sangue e de vassalidade que uniam essas famílias, a correlação de poderes, o património que detiveram na região e a forma como entrou na sua posse, bem como as suas relações com a Coroa ou com os conventos. A tese de mestrado, que agora se publica, é sem dúvida um importante contributo para o conhecimento da história da região do Baixo Vouga, em particular, mas para a história económica e social da Idade Média portuguesa, em geral, pela sistematização pioneira que faz e pela correcção que propõe de várias ideias erradas que iam fazendo escola. Para além disso, inclui um enorme manancial de informações, muito dele inédito, desde transcrições documentais, quadros explicativos e um grande número de mapas temáticos, boa parte em anexo. Julgamos, por isso, ser de leitura obrigatória para todos os medievalistas, bem como para interessados por esse período histórico e/ou por esta região.

*Alexandre Pinto*

Doutorando do Instituto de Investigação Interdisciplinar – Universidade de Coimbra  
alexpinto@iol.pt

**KRUS, Luís; OLIVEIRA, Luís Filipe e FONTES, João Luís (coord.)**  
**- *Lisboa Medieval. Os rostos da Cidade*. Lisboa: Livros Horizonte,**  
**2007, 463 p.**

A obra *Lisboa Medieval. Os rostos da Cidade* resulta da compilação das actas do II Colóquio *A Nova Lisboa Medieval*, realizado naquela cidade, entre os dias 9 e 11 de Dezembro de 2004. Esta reunião científica deu continuidade a um primeiro encontro, efectuado em Janeiro de 2002, do qual as edições Colibri publicaram as actas (Núcleo Científico de Estudos Medievais e Instituto de Estudos Medievais (coord.) – *A Nova Lisboa Medieval*. Lisboa: Edições Colibri, 2005).

Este segundo colóquio congregou investigadores de universidades portuguesas, espanholas, francesas e inglesas, bem como de institutos

nacionais direccionados para o património histórico. Para além de medievalistas, estiveram presentes arqueólogos, historiadores da arte, especialistas em literatura e estudiosos do período islâmico. Neste encontro privilegiou-se o estudo das gentes medievais de Lisboa, valorizando-se quer a sua vivência individual, quer as estruturas em que estas se inseriam. O volume das respectivas actas foi publicado nos finais de 2007 e serviu de homenagem a Luís Krus, falecido em 2005, e presidente do Instituto de Estudos Medievais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, à data da realização deste colóquio, o qual coordenou a edição juntamente com Luís Filipe Oliveira e João Luís Fontes. A colectânea integra uma nota de apresentação elaborada pelos coordenadores e um conjunto de 31 artigos ordenados em três grupos temáticos.

Na primeira parte, intitulada “Por Lisboa...”, em jeito de abertura, é apresentado o estudo de Iria Gonçalves consagrado aos mesteres, às profissões e tarefas desempenhadas pelas mulheres, na cidade de Lisboa. Aqui se procede a um levantamento da representatividade da figura feminina no mundo do trabalho, sublinhando, desta forma, a sua relevância económica e social no período medieval. Destacamos, por um lado, o rigor historiográfico patente, por exemplo, no cotejar de fontes diversificadas e, por outro, a amplitude das actividades que descreve, permitindo uma visão multifacetada do tema.

Posteriormente, o título “Gentes e Percursos” designa o primeiro grande bloco de trabalhos, que compreende vinte e um artigos, dedicados ao estudo do tecido sócio-urbano de Lisboa e à influência que nele exerciam o poder político, eclesiástico e económico. Neste conjunto, os interesses de investigação centraram-se em temas como o estudo das elites culturais e religiosas do período islâmico e do período cristão até finais do século XV, os grupos profissionais da urbe, os seus quadros de administração régia e concelhia e as linhagens que aí se reconheciam, os institutos monásticos e a caracterização social daqueles que neles se recolhiam.

Deste modo, Maribel Ferro (CSIC, Madrid) faz uma exposição descritiva de dados referentes aos Ulemas de Lisboa, numa cronologia intermédia aos séculos VIII e XIII do calendário cristão. António Rei (IEM/FCSH/FCT), numa investigação centrada no período das taifas, dá-nos a conhecer os protagonistas do poder nesta cidade, durante o século XI. Num trabalho que

privilegia a análise dos vestígios arquitectónicos das comunidades moçárabes de Lisboa, Paula Almeida Fernandes (IPPAR) reflecte acerca destes grupos e da forma como viviam a sua religiosidade sob domínio muçulmano. Por fim, Pedro Gomes Barbosa (FLUL), com base na *Crónica da conquista de Lisboa* de 1147, de Raul de Glanville, faz o retrato de todo o processo que resgataria, definitivamente, a cidade do Tejo para o domínio cristão.

Num artigo dedicado à sociedade rural desta região, Stéphane Boisselier (U. de Poitiers; Centre d'Études Supérieures de Civilisation Médiévale) analisa um cartulário do Mosteiro de S. Vicente de Fora, com o objectivo de caracterizar, por um lado, a estratégia de aquisição fundiária dessa instituição e, por outro, o perfil social dos seus vendedores, no período subsequente à conquista de Lisboa.

A destacar a fase de implantação da corte régia e do tabelionato nesta cidade, Bernardo de Sá-Nogueira (FLUL), com uma reflexão assente na análise de instrumentos notariais de composição, problematiza a intervenção da corte na regulamentação e vigilância da actividade comercial. Examinando um outro importante poder da urbe, Hermínia de Vasconcelos Vilar (U. Évora/CIDEHUS) assina um estudo acerca da diocese de Lisboa, entre 1244 e 1325.

Segue-se um conjunto de textos no âmbito da história sócio-antropológica dos grupos de poder, nos quais os diversos autores apresentam linhagens ou personalidades influentes, quer no oficialato régio, quer na administração municipal. Deste modo, Mário Farelo (IEM/FCSH/FLUL) destaca, no período de Trezentos, a família dos “Nogueiras”; Vanda Lourenço traça o percurso da linhagem dos “Avelar”; Ana Cláudia Silveira assinala os “Palhavã” e a sua expressiva presença entre as elites concelhias; Maria Filomena Lopes de Barros analisa a família muçulmana dos “Láparos”.

Luís Filipe Oliveira (U. Algarve/IEM) dá-nos a conhecer Marinha Gomes, concubina de D. Dinis, Gil Domingues de Picoto, seu genro, cidadão e mercador de grosso trato, e duas filhas deste último, professoras do Mosteiro de Santos. Estes são três exemplos de rostos da Lisboa do século XIII, através dos quais o historiador explora assuntos como o concubinato, o grupo social dos mercadores, as suas estratégias familiares de administração do património e inserção social da linhagem. A abordagem escolhida distingue

e valoriza este trabalho, pela sua originalidade e pelo espectro de relações socio-familiares que reconstrói.

Centrando-se, igualmente, na mercancia e nos seus agentes, José Augusto Oliveira (CEHUL) dirige o seu enfoque para a outra margem do rio Tejo, localizando e identificando espaços e infra-estruturas portuárias, bem como as características e aptidões dos solos da *Banda d'Alem*.

Seguem-se estudos sobre o clero regular lisboeta: Maria Filomena Andrade (U. Aberta), parte do tecido social do convento de Chelas e explora o seu funcionamento interno e diálogo com o exterior, na centúria de Quatrocentos; Luís Miguel Rêpas (FLUC/IEM) caracteriza a comunidade monástica das “donas” de Odivelas, especificando os padrões de recrutamento evidentes nesta instituição; Isabel Branquinho (FCSH/FCT) faz um enquadramento das monjas de S. Vicente de Fora para o período de 1328 a 1418; João Luís Fontes (IEM/UCP/FCT) identifica e caracteriza espaços de reclusão e eremitismo nessa cidade, dando voz a outras formas de espiritualidade medieval. Este tipo de análise segue uma corrente historiográfica já amplamente explorada no nosso país e de comprovada proficiência para o conhecimento de uma parcela significativa da sociedade medieval. Lamentamos, porém, que, nesta compilação, nenhum estudioso se tenha debruçado sobre o clero secular.

Num hiato temporal que vai de finais do século XIII a finais do XIV, Miguel Gomes Martins (IEM/AML) esboça os percursos da administração municipal de Lisboa, sublinhando as famílias que aí sobressaem. Para o século XV, Marisa Costa (FLUC) perscruta o grupo profissional dos ourives, analisa a sua proveniência social e reúne diversas informações relativas a estes homens, dos quais, tantas vezes, só conhecemos a obra. Carla Devesa Rodrigues (FCSH) dirige a sua atenção para o alfoz da cidade nos finais da Idade Média, estudando a aldeia da Ameixoeira, comenda do Convento de Cristo de Tomar, localizada a três léguas da capital.

Por fim, Maria de Lurdes Rosa (IEM/FCSH) reconstitui a trajectória pessoal e profissional de Fernão Lourenço (1480-1505), dividida entre o serviço régio, como alto funcionário da administração ultramarina, e o controlo de uma vasta fortuna pessoal, sublinhando, de igual modo, a sua acção enquanto mecenas religioso e a forma como gere os seus laços de parentesco. Contrastante com a complexidade do objecto de estudo, a fluidez da redacção deste artigo proporciona uma leitura clara e proveitosa daquele

que consideramos um estimulante e laborioso desafio de investigação historiográfica.

O terceiro e último bloco intitulado “Discursos e Memórias”, inclui nove trabalhos com temáticas de âmbito tão diversificado como a hagiografia e culto dos santos, a heráldica e as imagens desta urbe medieval, de que nos dão eco as fontes da época, do período moderno ou mesmo contemporâneo.

Deste modo, Odília Lopes Gameiro (IEM) e Mário Gouveia (IEM), em investigações separadas e visando cronologias diferentes, ocupam-se da expansão e vivência do culto dos Santos Mártires de Lisboa. Com base num manuscrito anónimo do século XIV – *Relatio de translatione sancti Vincentii martyris* –, proveniente do Mosteiro belga de Saint-Ghislain, Isabel Rosa Dias (U. Algarve), dá ênfase à difusão transnacional, de que foi alvo o episódio da trasladação de S. Vicente para Lisboa. António de Castro Henriques (U. York) e Tiago de Sousa Mendes (U. Essex) apresentam o levantamento dos símbolos heráldicos das famílias desta cidade, nas centúrias de Duzentos e Trezentos.

Os artigos finais expõem as múltiplas representações de Lisboa, num conjunto de fontes diversificado, quanto à sua natureza e contexto de produção. João Silva de Sousa (FCSH) estuda as Cortes de 1352 e 1371. Graça Videira Lopes (IEM/FCSH) analisa as cantigas de João Zorro, poeta activo na corte de D. Dinis, fazendo sobressair os contornos da capital do Reino e a sua ligação com a política marítima deste monarca. Filipa Medeiros (IEM) resgata as imagens deste núcleo urbano nas crónicas de D. Pedro I e D. Fernando, da autoria de Fernão Lopes. Teresa Araújo (UNL) expõe os reflexos de um centro urbano, social, económico e governativo de topo, num período de transformações estruturais, espelhado no *Cancioneiro* de Garcia de Resende. Por fim, Sandra Amaral Monteiro (IEM) recolhe uma visão da Lisboa Trecentista, no romance histórico de Alexandre Herculano, *Arras por Foro de Espanha*, publicado em 1842.

Pelas características e conteúdos que aqui procurámos descrever, este volume impõe-se a todos aqueles que se interessem por História Urbana, no período medieval. Nele recolhemos traços do urbanismo da cidade de Lisboa, do seu aro e termo, a análise das suas gentes, das suas comunidades religiosas, assim como das estruturas mentais e representações de espiritualidade que nela se configuravam. Na verdade, nestas páginas

– o rigor científico, mas também a criatividade e originalidade de investigação que apresentam – espelham uma dinâmica de congregação de várias áreas do conhecimento histórico e de metodologias diversificadas, característica habitual daquele que é um dos mais conceituados institutos nacionais de História da Idade Média.

*Maria Amélia Álvaro de Campos*

Doutoranda na Universidade de Coimbra e Centro de História da Sociedade e da Cultura  
melicampos@gmail.com

**ARANDA PÉREZ, Francisco José; RODRIGUES, José Damião (eds.) - *De Re Publica Hispaniae. Una vindicación de la cultura política en los reinos ibéricos en la primera modernidad*. Madrid: Sílex, 2008, 458 p.**

Os dezasseis trabalhos que compõem esta colectânea são o resultado de um colóquio realizado na Faculdade de Letras da Universidade de Castilla-La Mancha, Ciudad Real, nos dias 7 e 8 de Novembro de 2006, o qual, por sua vez, culminou um conjunto de projectos de âmbito nacional e sobretudo uma Acção Integrada Luso-Espanhola, levada a efeito em 2004 e 2005, subordinada à temática *A recuperação da cultura política nos reinos ibéricos na primeira Modernidade (séculos XVI e XVII)*, inspirada em propostas mais amplas como a história conceptual – *Begriffsgeschichte* – ou o projecto europeu *Idea of an European Political Lexikon*.

De índole diversa, todos os contributos giram, contudo, à volta de um objectivo comum, bem expresso no subtítulo: “una vindicación<sup>1</sup> de la cultura política en los reinos ibéricos”. ‘Vindicación’ que assume duas dimensões principais: por um lado, a verificação de que não abundam, no espaço ibérico, escolas historiográficas bem definidas dedicadas a estes temas, sobretudo se fizermos a comparação com o âmbito europeu mais próximo,

---

<sup>1</sup> *Vindicación* – Acción y efecto de vindicar; *Vindicar* – [ ] 2. Defender, especialmente por escrito, a quién se halla injuriado, calumniado o injustamente notado. [ ] 3. Der[ivado]. Dicho de una persona: Recuperar lo que le pertenece. (*Diccionario de la Lengua Española*, Real Academia Española 22ª edição, Madrid, 2001).